

KING A Film Record... From Montgomery to Memphis / 1970

Um filme de Ely Landau

Guião: Ely Landau / *Pesquisa dos discursos de King:* Mitchell Grayson / *Imagem (35 mm, preto & branco):* Ely Landau, para as intervenções dos convidados; as restantes imagens são compostas por material de arquivo / *Escolha musical:* Coleridge-Taylor Perkinson / *Montagem:* John Carter, Lora Haye / *Som:* James Perdue (gravação), Joe Dalisera, Al Gramaglia, Gary Leibman (misturas) / *Com as presenças de:* em imagens de arquivo: Martin Luther King, Ralph Abernathy, Coretta King, Mahalia Jackson, Lyndon Johnson, Eugene "Bull" Connor, Clark Jr., Jesse Jackson, Frederick D. Reese, Andrew Young, Robert Kennedy, Dick Gregory, Leonard Bernstein, Nina Simone, Sammy Davis Jr., James Garner, Hubert Humphrey, Bayard Rustin, James Baldwin, Jacqueline Kennedy, Sidney Poitier, Marlon Brando e outros; nas "intervenções": Paul Newman, Joanne Woodward, James Earl Jones, Harry Belafonte, Clarence Williams III, Charlton Heston, Burt Lancaster, Ben Gazzara, Anthony Quinn.

Produção: Ely Landau para a Commonwealth United Entertainment / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 182 minutos / *Estreia mundial:* Nova Iorque, 24 de Março de 1970 / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca:* 30 de março de 2019 (Double Bill).

O filme será apresentado sem intervalo.

Sessão apresentada por Antonio Rodrigues

*Estamos aqui para alertarmos os Estados Unidos
sobre a ardente urgência do Presente.
Martin Luther King (28 de Agosto de 1963)*

*O que mais querem vocês, seus negros?
uma faixa em Chicago, em 1966*

Este documentário foi estreado dois anos depois do homicídio de Martin Luther King, quando a sua figura ainda fazia parte da atualidade. Quando se conhece a realidade do cinema, sabe-se que dois anos não é muito tempo para se organizar um filme desta duração e desta envergadura, composto por assim dizer exclusivamente por imagens de arquivo. É preciso muito tempo para vê-las, selecioná-las e montá-las, sem falar nas complicadas e dispendiosas negociações para utilizá-las, muitas vezes com diversos interlocutores. Para uma obra desta envergadura, a carreira comercial do filme parece ter sido breve e algumas fontes indicam Joseph Mankiewicz e Sidney Lumet como os verdadeiros realizadores do filme, o que não é o caso, como atesta o genérico desta cópia restaurada com o aval da Martin Luther King Foundation (se os herdeiros de Mankiewicz e Lumet não fizeram nenhum processo, só pode ser verdade...). Depois de restaurado, o filme teve distribuição comercial em França em 2018, o que talvez contribua para lhe dar maior visibilidade, no espaço dos festivais.

A principal virtude formal de **King** consiste em ser um autêntico filme de montagem, composto quase exclusivamente por um vastíssimo material de arquivo, sem as entrevistas de supostos ou verdadeiros especialistas, sempre fragmentárias e anódinas, que caracterizam o modelo do "documentário" televisivo, interrompendo o fluxo de material de arquivo, sem nada acrescentar à nossa percepção daquilo que vemos, muito pelo contrário. Não há imagens da casa onde nasceu Martin Luther King ou informações sobre a sua família. Não há sequer letreiros que identifiquem todas as personalidades que surgem na tela, algumas das quais talvez não sejam reconhecíveis pelos espectadores mais jovens, caso de Lyndon Johnson, o presidente da república que teve a inteligência de perceber a mudança histórica que se vivia e a coragem de acompanhá-la, abolindo as leis de *apartheid* ainda em vigor no Sul (em 1966!). As intervenções de célebres atores que pontuam o filme não se referem diretamente ao que é mostrado e nenhum destes intervenientes sequer menciona o nome de Martin Luther King. Estas intervenções servem de sinais de pontuação na narrativa e propõem um ponto de vista ligeiramente abstrato, abrandam momentaneamente o forte impacto emocional do filme, racionalizam a nossa percepção daquilo que é mostrado.

O filme acompanha cronologicamente os doze anos e alguns meses da carreira pública, a nível nacional e mundial, de Martin Luther King, do célebre boicote dos autocarros de Montgomery, no Alabama, que teve início em Dezembro de 1955 e durou um ano e vinte dias, até o seu funeral, em Abril de 1968. Trata-se de uma narrativa cronológica, mas antes desta começar Ely Landau aborda e resolve uma questão que foi muito espinhosa à época e continuou a sê-lo durante muitos anos: a oposição entre os métodos pacíficos de King e os métodos violentos propugnados pelos Panteras Negras, a diferença entre a força física destrutiva e a força moral construtiva. Por detrás destas diferenças de método havia uma gigantesca diferença de objetivos. Por incrível que possa parecer, os Panteras propunham a radicalização do *apartheid* existente e criticavam King por querer integrar os negros na sociedade a que pertenciam (ao dizer que tinha um sonho, ele especificou que este estava *“profundamente enraizado no sonho americano”*). Depois de uma rápida introdução em montagem alternada, que confronta os dois pontos de vista, entramos de imediato no combate, longo, tenaz, paciente, um combate travado no domínio do quotidiano e do concreto e não do abstrato e do ideológico, um combate ao longo do qual King e os seus colaboradores não perdem nunca a visão de conjunto e o objetivo final, apesar da terrível dureza da luta (as cruzes suásticas e os cartazes que dizem *“o vosso lugar é no jardim zoológico”*, em Chicago, dão calafrios). E neste combate a palavra teve um papel fundamental, ainda mais importante do que no percurso de outros líderes que fizeram política para fazerem História. A palavra de Martin Luther King, que era pastor e filho de pastor, eivada de referências e tonalidades bíblicas (*“a Bíblia contém verdades profundas de que não podemos escapar”*), mas capaz de atingir o ateu mais empedernido, moveu montanhas. Capaz de passar, no mesmo discurso, da metáfora mais prosaica (*“estamos aqui para receber o nosso cheque”*) à citação bíblica (*“todos os vales serão elevados, todas as montanhas e colinas serão aplanadas e a glória do Senhor será revelada”*), ele aborda o imediato e o longínquo, o presente e o futuro. A sua palavra e a sua voz estão presentes do começo ao fim do filme, em *on* e em *off*, em entrevistas, comícios e sermões políticos. Foi a partir de um pequeno incidente numa cidade obscura – o episódio Rosa Parks – e da reação de Martin Luther King que se cristalizou a recusa coletiva pela comunidade negra americana de continuar a acatar o inaceitável. Uma simples gota transformou-se num rio de força irresistível. Metódico, o movimento de que King foi o líder e o rosto, procedeu por etapas, para desafiar as leis segregacionistas impostas em fins do século XIX, traíndo o compromisso assumido pelo Estado ao fim da Guerra de Secessão. Começando pela recusa da segregação nos autocarros de Montgomery, a população passa depois a desafiar a segregação nos transportes interestaduais e em seguida nos comércios, antes de apoiar os protestos dos jovens. Como o espectador pode constatar, em todas estas etapas, exceto na primeira, a reação policial, que refletia o ódio elementar de grande parte da população branca, foi de uma violência que provoca incredulidade. Ao visitar os Estados Unidos em 1966, Pier Paolo Pasolini entusiasmou-se por aquilo a que chamou *“a religião da liberdade”* e é exatamente este impulso que está por detrás da gigantesca marcha pelas liberdades de Agosto de 1963, ao termo da qual King pronunciou o seu discurso mais célebre. Como ele bem disse neste dia, aquilo era apenas o começo e a etapa seguinte foi a conquista do direito de voto, negado com tamanha brutalidade que o governo federal teve de entrar em ação, o que foi anunciado pelo presidente Johnson em pessoa ao país, na televisão. À medida que as conquistas e as vitórias ocorrem, King associa cada vez mais a noção de raça à de classe, como o demonstra o facto de ter vindo a Memphis, onde foi assassinado, para dar apoio a uma greve de homens do lixo. Fez então o seu célebre e profético último discurso-sermão: *“Cheguei ao cimo da montanha. Posso ver a terra prometida. Eu talvez não a alcance. Mas quero que saibam, esta noite, que o nosso povo chegará à terra prometida. Por isto, estou feliz esta noite. Não temo homem algum”*. Será assassinado no dia seguinte, na varanda do seu quarto num motel, com um só tiro. Tinha trinta e nove anos. Também aqui Ely Landau faz escolhas inteligentes e coerentes, nos antípodas da vulgaridade televisiva. Ao invés de mostrar a fachada e a varanda do motel onde ocorreu o crime (para não falarmos numa “reconstituição” do mesmo), faz-nos receber a notícia ao mesmo tempo que um grupo de pessoas reunidas numa igreja. A transição da notícia para o funeral é imediata e na cerimónia ouvimos, mais uma vez, a voz de Martin Luther King. O realizador omite imagens das violentas revoltas das populações negras que varreram o país devido ao homicídio. Prefere terminar com o *gospel* que Martin Luther King dizia que gostaria que tocassem no seu funeral, *Take my hand, precious Lord*. Partindo de imagens preexistentes e de uma realidade que, como americano, viveu pessoalmente, Ely Landau realizou um monumento cinematográfico digno do indivíduo excepcional que é aqui retratado.